

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OS TIRSENOS NA HISPÂNIA.

SCHULTEN, Adolf

Ano: 1940 | Número: 50

Como citar este documento:

SCHULTEN, Adolf, Os Tirsenos na Hispânia. *Revista de Guimarães*, 50 (3-4) Jul.-Dez. 1940, p. 312-320.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Os Tyrsenos na Hispânia (*)

Pelo Prof. Dr. Adolfo Schulten, da Universidade de Erlangen

Depois de publicada a edição crítica das inscrições romanas da Península Ibérica, nos dois in-fólios do *Corpus Inscriptionum Latinarum II* (1869 e 1892), ofereceu Emílio Hübner ao mundo científico outra obra monumental: a colecção de todos os textos então conhecidos (inscrições e moedas) em escrita ibérica — *Monumenta Linguae Ibericae* (Berlim 1893). Até hoje, esta obra apenas tem merecido o interesse dos que se dedicam ao estudo da antiga Hispânia. Fora da Península são bem poucos, infelizmente, êsses estudiosos, apesar de a Hispânia haver desempenhado na antiguidade um papel muito importante, visto ser então o país mais rico em metais do velho mundo, relacionado desde tempos remotos com os círculos de cultura levantinos, e demandado, anteriormente aos fenícios (que por volta de 1100 a. C. fundaram Gades), pelos navegadores do longínquo Oriente, aos quais mais tarde sucedeu a colonização ou a ocupação grega, cartaginesa, romana e germânica. De modo que as

(*) Satisfazendo a vontade manifestada pelo Sr. Prof. Schulten, damos hoje nas páginas da nossa Revista a versão portuguesa do artigo em alemão por êle publicado, em Julho do corrente ano, em «*Forschungen und Fortschritte*» (Berlim, 1940, n.º 21, p. 225-227), que é o desenvolvimento daquele outro que inserimos a p. 129-130 do presente volume. Dada a categoria científica de quem subscreve êste artigo e a importância e interesse que êle apresenta, não só relativamente à interpretação da chamada escrita *ibérica*, mas ao estudo etnológico das populações primitivas do sul de Portugal, entendemos que o assunto deve merecer particular atenção aos nossos pré-historiadores.

inscrições ibéricas do sul da Espanha e de Portugal, cuidadosamente coligidas e comentadas por Hübner, a p. 179 e ss. da citada obra, pouca curiosidade tem despertado aos lingüistas, salvo raras excepções, como Hugo Schuschardt (*Iberische Deklination*, 1907) e Gómez Moreno (*"Sobre los Iberos y su lengua"* in *"Homenaje a Menéndez Pidal"*, 1925). Sem dúvida que tais inscrições constituem um problema de resolução difícil, mais ainda talvez que a dos textos etruscos. Conquanto já se consiga ler razoavelmente a escrita etrusca (apesar de a decifração dessa língua estar ainda nos começos), pelo contrário a língua empregada nas inscrições ibéricas é um livro fechado a sete selos ⁽¹⁾, sendo igualmente difícil a sua leitura, visto não apresentar quasi pontuação alguma. E todavia parece-nos possível desvendar o segrêdo destas inscrições, pois que o seu alfabeto é bem conhecido, em face dos textos de cêrca de vinte bastante extensas, a maior parte das quais descobertas em pedras tumulares provenientes do Algarve, no extremo sul de Portugal, e de Ourique, no Baixo-Alentejo ⁽²⁾. Além destas lápides, encontra-se a escrita ibérica em inscrições de Itálica e de Ílipa, perto de Sevilha ⁽³⁾, de Estepa (a sul de Córdova) ⁽⁴⁾, de Gador (junto de Almeria) ⁽⁵⁾, e em moedas do período romano, de Obulco, Abra e Cástulo, na Bética, e de Salácia, na Lusitânia ⁽⁶⁾. Imediatamente se reconhece que êste alfabeto, sendo aliás muito semelhante ao fenício, não é todavia o fenício, visto que possui já a vogal U, a

⁽¹⁾ A língua usada nas inscrições da Hispânia citerior devia ser a ibérica, mas pelo que diz respeito às do sul, o problema complica-se com o fenício e outras línguas orientais.

⁽²⁾ Hübner, p. 192 e ss.; após os trabalhos de Hübner, foram registadas mais cinco lápides n-«O Arch. Port», 1897, III, 185; 1900, V, 40; 1929, XXVIII, 205 e ss. Designo as primeiras pelos números de Hübner, 62-74, e as cinco mais modernas, de 1-5.

⁽³⁾ Ílipa: Hübner, p. 189; Itálica: uma inscrição que brevemente publicarei em «Klio».

⁽⁴⁾ «Revista de Archivos», 1897, 482.

⁽⁵⁾ Hübner, p. 187.

⁽⁶⁾ Vives, «La Moneda Hispanica» (Madrid, 1924), III, 24 (Salacia); 54-64 (Obulco, Abra); II, 166 (Cástulo). O registo das moedas em Hübner é inexacto, enquanto que em Vives a transcrição foi feita dos originais.

primeira das letras acrescentadas pelos gregos ao alfabeto fenício. Mas também se não trata igualmente do alfabeto grego arcaico, porque lhe faltam as novas letras adicionadas àquele — φ , χ , ψ e ω , e conserva ainda as quatro sibilantes do alfabeto fenício — zain, samec, tsad e xin, enquanto que os gregos não só adoptaram apenas o ζ e o tsad ou o xin, mas substituíram o samec pelo grupo sónico $\kappa\sigma$. E tanto o alfabeto destas inscrições se afasta do fenício e do grego, que o kapa não é ali representado pelo sinal vulgar, mas por \bowtie , \bowtie (certamente oriundo de Creta), faltando-lhe por outro lado as três médias β , γ e δ .

Ora a ausência das médias é uma das características da língua e da escrita etrusca, e o \bowtie encontra-se igualmente no alfabeto etrusco ⁽¹⁾, o que nos autoriza por consequência a admitir um estreito parentesco entre aquelas inscrições e o etrusco. Esta conjectura parece confirmar-se. Quando se procede à leitura das lápides sepulcrais de Portugal, vê-se que os antropométricos ali contidos são muito semelhantes aos etruscos ⁽²⁾: *ukos-aon* (N. 69) - etr. *ukus-na*; *oeruiul* (N. 71) - etr. *veru*; *varesiir* (N. 3) - etr. *vahris*; *raoe* (N. 1) - etr. *ravia*; *veles-ar* (N. 5) - etr. *velas-nei*; *sahkri* (N. 65) - etr. *sacri-al*; *anen* (N. 62) - etr. o prenome *ane* ou o nome *aneinei*; *alsiio* (73) - etr. *alsina*; *sotana* (61) - etr. *su@anei*; *nuztes-isa* (65) - etr. *nustesa*; *ain-isa* (62) - etr. *eini*. Quatro vèzes se repete igualmente entre estes nomes o conhecido genitivo etrusco *-isa* (no N. 62, *ain-isa* e *ainat-isa*, e no N. 65 *hunpa-isa* e *nuztes-isa*) e a mudança etrusca do sufixo locativo *-i* em Θi (em *Koni* = *Kon\Theta i*). Estas concordâncias confirmam a minha hipótese de as inscrições de que nos ocupamos estarem escritas numa das línguas afins da etrusca e muito aproximada dela. Em diversas inscrições do sul de Portugal nove vèzes aparece a palavra *saronah* ⁽³⁾ ou *zaronah*. Tal vocábulo deve ser,

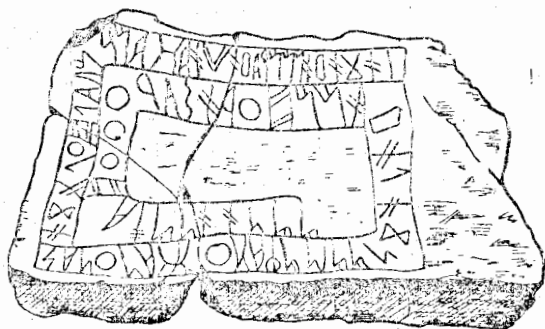
(1) G. Buonamici, «Epigrafia etrusca» (1932), p. 123, 150.

(2) Consulte sôbre os nomes etruscos citados W. Schulze, «Lat. Eigennamen», p. 632 e ss.

(3) Na maior parte das lápides escrita com $\Sigma = \check{s}$ ou $\Xi = s$, porém no N. 64 com $Z = \zeta$.

portanto, um apelativo, e significará possivelmente «Hic situs est», visto encontrar-se em pedras sepulcrais. Este *saronah*, *zaronah* é evidentemente o mesmo *zeronai* três vêzes repetido na célebre inscrição de Lemnos (1).

Sobre este ponto, escreve-me Emílio Vetter, o conhecido etruscólogo de Viena: «Aqui (em Lemnos) aparece três vêzes a palavra *zeronai*, em circunstâncias que nos levam a dar-lhe o mesmo significado do *zaronah*— das inscrições lusitanas. As diferenciações



Inscrição sepulcral tyrsena (d-O Arch. Port., 1897, 135).
Na linha inferior encontra-se escrito da esquerda para a direita — *saronah koi*.

fonéticas são insignificantes (aqui *-ai*, nessas *-ah*; aqui *-er*, nas outras *-ar*). E, por consequência, admissível que nos encontremos em face da mesma língua.»

Esta língua, comum às lápides lusitanas e à de Lemnos, é a língua dos Tyrsenos, antepassados dos etruscos e oriundos da Ásia Menor. As presentes investigações vêm assim confirmar a hipótese de a língua da inscrição de Lemnos ser a tyrsena, uma vez verificada em diversas palavras a sua correspon-

(1) Inscr. graecae XII, 8, 1; fotografura em Buonamici, «Epigrafia etrusca» (1932), Tab. 58; leitura e comentário circunstanciado em Brandenstein, no artigo intitulado «Tyrrhener» do RE (Realexikon d. Vorgesch., de Ebert).

dência com palavras etruscas (1). Que os Tyrsenos se estabeleceram em Lemnos, afirma-o Tucíd. 4, 109, havendo também notícia dêles noutras ilhas do Egeu septentrional (2).

Em face da repetição daqueles nomes e de outras palavras na Etrúria, poder-se-ia depreender que eram etruscas as lápides lusitanas, bem como a de Lemnos. Porém a palavra *zaronah* = "hic situs est", que frequentemente aparece nos textos destas duas últimas procedências, é desconhecida na Etrúria, onde em seu lugar encontramos *Θυι cesu* (3), e também não é de aceitar que os etruscos itálicos tenham ido para Lemnos. A língua da Lusitânia e de Lemnos, tão semelhante à etrusca, deve ser a dos Tyrsenos. E visto que a palavra *konθi*, nove vêzes associada, na Lusitânia, à palavra *saronah*, também aparece na inscrição de Ílipa, encontrando-se igualmente em Ílipa e Obulco nomes etruscos, isso nos leva a supor que a língua tyrsena se haja espalhado também na Bética. Admitida tal expansão, é perfeitamente aceitável que a escrita das pedras funerárias lusitanas, bem como das restantes inscrições e das moedas de Obulco, etc., seja igualmente tyrsena. Com efeito, esta escrita mostra grande semelhança com a de Lemnos e dos alfabetos da Ásia Menor (4). A escrita e língua tyrsenas estenderam-se, assim, outrora, por todo o sul da Espanha e de Portugal.

A chegada dos Tyrsenos à Hispânia encontra-se mencionada, através da fonte autorizada de Timeu, por Diodoro, 5, 20, 4, o qual diz que os Tyrrhenos levaram a sua thalassocracia para "além das Colunas de Hércules", o estreito de Gibraltar, no intuito de se estabelecerem na Ilha da Madeira (5), mas que foram

(1) Cf. Brandenstein, no art. «Tyrrhener» do RE., a que me reporto. Compare-se o etrusco *zivas avils* e *avils sealks* com o *siwai avis sialkhv(e)is* de Lemnos, palavras que nas duas inscrições indicam a idade do morto.

(2) Cf. RE., art. «Tyrrhener».

(3) Comunicação de Vetter.

(4) RE., art. «Kleinasiatische Alphabete».

(5) No meu livro «Sertorius» (1926), p. 49, demonstrei que a formosa descrição feita por Timeu de uma opulenta ilha, climaticamente privilegiada, situada no oceano ocidental, se refere à Madeira.

impedidos pelos cartagineses (fenícios?) (1). Esta passagem, aliás muito importante, é mal conhecida não só dos etruscólogos, mas ainda de outros investigadores. Citei-a eu na minha Memória «Die Etrusker in Spanien» (Klio 1930, 371). Nessa monografia procurei demonstrar, pelos nomes toponímicos, que os etruscos e os tyrsenos também se haviam estabelecido na Hispânia. Esta tese foi em parte aceite, em parte combatida; mas agora, parece que as pedras sepulcrais lusitanas vêm confirmar o meu ponto de vista. Simplesmente, em vez de «Die Etrusker in Spanien», eu deveria ter dado por título à Monografia — «Die Tyrsener und Etrusker in Spanien». A primeira colonização da Hispânia não se deve portanto atribuir aos etruscos da Itália (e tanto na Hispânia como na Etrúria podemos apontar nomes provenientes dos etruscos da Itália, tais como Tárraco, Cortona, Vulci, Arnus, etc.) (2), mas sim aos Tyrsenos minorasiáticos (3), uma parte dos quais, por volta do ano 1200 a. C., abandonou o seu país natal, na costa ocidental da Ásia Menor, e, após uma tentativa frustrada de invasão do Egipto (onde ficaram conhecidos por *turscha*), procurou no Ocidente uma nova pátria, uns na Sardenha, onde, entre diversas palavras, o nome do rio Tyrsos, hoje Tirso, na região mineira de Iglésias, no-los faz lembrar; outros fixaram-se na Itália; finalmente, outra parte foi mais longe, estabelecendo-se no sul da Hispânia, e chegando mesmo até à Madeira. A determinante que levou os Tyrsenos para o Ocidente, e muito especialmente para a Hispânia, foi o comércio dos metais daquelas regiões, que, ainda em maior abundância do que na Sardenha e na Etrúria, se encontravam no sul da Península Ibérica.

Na citada Memória (p. 391), presumia eu que a cidade de Tartessos, notável pela sua riqueza em metais, tivesse sido fundada pelos Tyrsenos, o que também actualmente se encontra confirmado, não só

(1) Anteriormente, Diodoro indica sempre os fenícios como os possuidores da Ilha (5, 20, 1; 2; 3).

(2) «Klio» 1930, 367.

(3) Habituemo-nos a distinguir entre os Tyrsenos da Ásia Menor e os Etruscos da Itália.

pelo aparecimento perto de Tartessos das lápides sepulcrais lusitanas, mas ainda pela circunstância importante de a zona onde foram descobertas aquelas inscrições e moedas (p. 225) estar dentro dos limites do antigo Império tartéssio, que pelo ocidente se estendia até o mar, pelo nascente até à costa oriental, e pelo norte até à Serra Morena (1), compreendendo assim tôda a Andaluzia actual (2). Além disso ganhou fôrça a minha hipótese de que o nome *Tart-essos*, em fenício *Tarsch-isch* (tão apropriado aos tyrsenos, e apontado como proveniente da Ásia Menor devido à sua terminação -ισσος), haja derivado dos Tyrsenos, ou *turs* (3), com a significação de «cidade dos tyrsenos» (Klio 1930, 394), de modo semelhante ao que se deu com a cidade lídia Τύρσα (=Tursa), que dos tyrsenos tomou a sua designação. Muito naturalmente o U do tyrseno *turs*, podia no semítico *tarsch*—transformar-se em A, como do assírio *turtan* derivou o hebraico *tartan* (4). O primitivo U manteve-se no nome da cidade de Turta, citada por Catão no ano de 195 a. C. (5). Esta Turta era, pelo menos no nome, a sucessora de Tartessos, destruída cêrca do ano 500 a. C. A forma *Turta* é sem dúvida a transposição ibérica de *Tursa*. Da palavra Turta herdaram os habitantes ibéricos do Império tartéssio a designação de Τουρτ-υτανοί, Τουρτ-αι (nesta última forma, em vez de Τουρθητανοί, são mencionados em Artemidoro, segundo Estêvão de Bizâncio), ou, com D, Τουρθητανοί. De modo que o nome Tartessos, quer escrito com T (Turta, Tartessos), ou com D (Turdetanos), quer com S (Ταρσηνός: Polib. 3, 24),

(1) Segundo Avieno, «Ora marítima» 223, 462; cf. a minha obra «Tartessos» (1922), p. 71.

(2) Fora desta zona da Hispânia citerior, foi usada outra escrita, originada da tyrsena, mas mais moderna e alterada.

(3) Τυρσ-ηνοι, *turs-cum numen* em úmbrio, *tursch-a* em egípcio; em romano com acento no E, e a metátese *E-trus-ci*.

(4) Comunicação de Procksch e Bruno Meissner.

(5) Segundo Carisius, in Gramm. lat. ed. Keil i, 213, 4: itaque porro in Turtam proficiscor, servatum illos e inde pergo porro ire in Turtam.

ou SCH (Tarschisch), deriva, conforme Littman esclarece, de uma forma primitiva *turp* (1).

Ora, se Tartessos foi uma colónia tyrsena, igualmente é tyrsena a escrita tartéssia citada por Estrabão, p. 139 (num passo também mal conhecido). E então tyrsena, conseqüentemente, a antiga literatura tartéssia, «os anais em prosa, os cantos e as leis em forma rítmica» a que o Geógrafo se refere. O que Estrabão afirma da grande antiguidade desses textos (6000 anos) é sem dúvida exagerado, mas não destituído de fundamento. Podemos admitir que esta vélnha escrita, muito aproximada ainda da fenícia, foi adoptada pelos tyrsenos da Ásia Menor anteriormente ao ano 800 a. C., e em seguida por eles introduzida nas suas colónias do Ocidente. A escrita das pedras sepulcrais lusitanas deve, pois, considerar-se antiqüíssima; é grafada da esquerda para a direita, e muito anterior à da inscrição de Lemnos, que já possuía o φ e o χ , e deve datar-se do século 7.º. Faz lembrar as mais antigas inscrições gregas de Thera, etc., e podemos fixar o início do seu uso no século 9.º a. C., data em que parece terem aparecido as letras suplementares (2). Esta antiga escrita perdurou até ao tempo do Império, porque a vamos encontrar ainda nas citadas moedas de várias cidades do sul da Espanha (p. 225), do começo da era de Cristo, bem como na inscrição de Itálica, que devemos incluir no período mais remoto do Império.

As vélnhas inscrições do sul da Espanha e de Portugal estão separadas da estela de Lemnos pela vastidão de todo o Mar Mediterrâneo. Mas estão ligadas a ela

(1) Littmann diz-me em carta: «A sua derivação de *Turs* do nome *Tarschich* é muito tentadora. Assim se esclareceria brilhantemente um vélnho enigma, à volta do qual se tem despendido muito esforço. A mudança do A em U não custa a admitir. Se, portanto, Tarschisch e Tartessos são derivados de *Turs-*, deveremos talvez grafar a antiga forma *Turp*. O *p* não foi adoptado em várias línguas, sendo substituído pelo T, D, S ou SCH. Um primitivo *Tarpij* devia em hebraico puro transformar-se em *Tarschisch*. As formas $\tau\alpha\rho\tau\text{-}\kappa\alpha\sigma\iota\varsigma$ e $\tau\alpha\rho\text{-}\chi\iota\omicron\nu$ (Polib. 3, 24), derivaram directamente daquela, porque depois do R tem um *p*, umas vezes mudado em T, outras em S.»

(2) Comunicação de Rehm.

por evidentes afinidades lingüísticas e etnográficas. Dêste facto se tiram importantes ilações de ordem etnológica, tanto pelo que respeita à Ásia Menor como ao Ocidente hispânico, como ainda pelo que se refere às suas mútuas relações. E assim estas inscrições constituem um testemunho autêntico :

1. da escrita e língua dos Tyrsenos, até hoje tão mal conhecidas,
2. da proveniência da Ásia Menor dos Tyrseno-etruscos, ainda actualmente combatida,
3. das viagens dos Tyrsenos à Hispânia, também confirmadas nos textos literários,
4. de Tartessos ter sido uma colónia tyrsena,
5. da escrita dos Tartéssios, a que se referé Estrabão,
6. da continuïdade desta escrita arcaica até à época imperial.

O prosseguimento no estudo destas inscrições, devemos entregá-lo aos etruscólogos, e creio bem que esta minha comunicação pôs ao seu alcance alguns materiais de não pequena importância ⁽¹⁾.

Esperemos também que no sul de Portugal se continue a procura sistemática de novas lápides com aquela escrita, que sem dúvida hão-de existir.

(1) Cf. também «Klio», ano 1940.